

KATZINSKY, L. **A análise da relação Colombo Curitiba à luz da Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana**. 2004. Dissertação. – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

KLEIN, H. S.; LUNA, F. V. Mudanças econômicas e sociais no Brasil, 1980-2000: a transformação incompleta revisitada; In: GONZÁLES, E.; MORENO, A.; SEVILHA, R. (Orgs.). **Reflexões em torno a 500 anos de História de Brasil**. Madrid: Atriel, 2001.

SANTOS, M. **Economia Espacial: críticas e alternativas**. Tradução de Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003. p. 125-136. – (Milton Santos; 3).

_____. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. – (Ciências Sociais).

_____; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE) – PARAÍBA. **Site Institucional**. Disponível em: <www.sebraepb.com.br>. Acesso em: 15jun. 2005.

SISTEMA DE COOPERATIVAS DE CRÉDITO DO BRASIL (SICOOB). **Site Institucional**. 2005. Disponível em: <www.sicoob.com.br>. Acesso em: 25 jun. 2005.

SPOSITO, E. S. A Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana nos Países Subdesenvolvidos: seu esquecimento ou sua superação? **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente: AGB, 1999, n. 21, p. 43-51.

SPOSITO, M. E. B. A Análise Urbana na Obra de Milton Santos. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente: AGB, 1999, n. 21, p. 25-42.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2005.

Aceito para publicação em 10 de março de 2006.

COLÔNIA VITÓRIA - GUARAPUAVA (PR): IDENTIDADE E TERRITÓRIO*

Daniel Luís STEFENON**

Márcia da SILVA***

Resumo: A abordagem aqui realizada como resultado de um trabalho de conclusão de curso de graduação, refere-se a uma área com características específicas e singulares do município de Guarapuava, no Paraná. Trata-se de um estudo sobre identidade e território em Colônia Vitória, uma colônia fundada na década de 1950 por alemães denominados de Suábios do Danúbio e que, juntamente com outras quatro colônias, forma o distrito de Entre Rios. A convivência desse grupo com o de brasileiros que em seu em torno se fixou para prestação de serviços aos alemães, é discutida por meio de aportes da subjetividade, como os valores culturais de cada grupo que levou a formação de espaços e de realidades distintas, bem como de identidades diferenciadas.

Palavras-chave: Colônia Vitória; identidade; território; identidades sócio-territoriais.

Resumen: El abordaje que aquí realizamos, resultado de un trabajo de fin de carrera, se refiere a una área de características diferenciadas en el municipio de Guarapuava, en el estado de Paraná. Se trata de un estudio sobre identidades y territorio en Colônia Vitória, una colonia fundada en la década de 1950 por alemanes, denominados Suabios del Danubio y que junto a otras cuatro colonias forman el distrito de Entre Rios. La convivencia de este grupo con el de brasileiros que se

* Este texto é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Geografia e base de estudos, em andamento, do curso pós-graduação *Lato Sensu*, em Geografia, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia da Silva, na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) - Guarapuava (PR).

** Graduado em Geografia e aluno do curso de pós-graduação *Lato Sensu* pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) - Guarapuava (PR). dstephenon@bol.com.br.

*** Profa. Dra. do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) - Guarapuava (PR). msilva@unicentro.br.

establecieron en su entorno para la prestación de servicios a esta comunidade, se discute a través de aportes de subjetividad, como son los valores culturales de cada grupo que condujo a la formación de espacios y de realidades distintas, así como identidades diferenciadas. **Palabras-clave:** Colônia Vitoria; identidade; territorio; identidades socio-territoriales.

1. Introdução

Colônia Vitória é um dos cinco núcleos urbanos que compõem o Distrito de Entre Rios, no município de Guarapuava (PR). Entre Rios foi colonizada por um grupo de descendentes de alemães que, até a Segunda Grande Guerra, vivia nas terras pertencentes ao antigo Império Austro-húngaro. Esses alemães são conhecidos como Suábios do Danúbio. Recebem essa denominação não somente pelo fato de serem originários da Província alemã da Suábia, já que provinham também de outras regiões da Alemanha, como a Francônia e a Baviera, mas também porque, ao efetuarem a partida rumo às terras do leste, a faziam de um porto situado na cidade suábica de Ulm, às margens do Rio Danúbio, daí, então, Suábios do Danúbio (ELFES, 1971).

O avanço do exército soviético pelo leste europeu, no final da Segunda Guerra, e a rejeição da população de origem magiar contra os germânicos "invasores" culminaram na expulsão dos suábios da região que, segundo Elfes (1971), tiveram seus bens confiscados pelos comunistas. Estes alemães, com a ajuda de várias entidades internacionais e de esferas do governo brasileiro, instalaram-se na região de Guarapuava (PR), a partir do ano de 1951, reconstruindo, ali, suas vidas.

Em consequência da instalação e do posterior desenvolvimento dos empreendimentos suábios no Distrito de Entre Rios, se criaram necessidades de emprego de mão-de-obra que extrapolavam o contingente suábico disponível. Isso fez com que outras pessoas, "não-alemãs", se instalassem no local, sendo esses, progressivamente, incorporados ao cotidiano local, somando forças para a construção das Colônias de Entre Rios, dentre elas, a Vitória.

Essas pessoas eram descendentes de luso-brasileiros que, na época, segundo entrevistas realizadas em trabalho de campo, residiam nas localidades vizinhas, como nos municípios de Pinhão e de Inácio Martins, assim como na própria Guarapuava.

A partir da convivência entre essas duas "identidades culturais", bem como por determinações históricas de acesso à terra, formaram-se, no referido local, duas áreas distintas espacialmente: a habitada pelos descendentes de alemães e a "Vila dos Brasileiros". Essas possuem heterogeneidade grande entre si, mas, ao mesmo tempo, uma homogeneidade significativa internamente (que saltam nos sentidos daqueles que por lá circulam!), o que nos instigou a tentar conhecer um pouco mais sobre a natureza do processo que culminou com a produção daqueles referidos "espaços".

Será que a produção dos espaços e lugares segue primordialmente uma lógica que é econômica, tomando como condicionante uma "superestrutura" que, "impiedosamente", acaba por determinar todo e qualquer elemento presente em uma dada realidade, incluindo aí nosso campo de estudos?

No presente tempo e espaço em que vivemos, onde os lugares cada vez mais parecem se tornar iguais ao serem atingidos pelos ágeis mecanismos da mundialização, contraditoriamente, esses mesmos espaços-territórios reagem a essa tendência. Nos é revelado a partir daí que, elementos e fatores que até então pareciam meros coadjuvantes dentro do desenrolar da produção espacial, aparentam ocupar o centro da referida questão. Parece-nos que uma certa ênfase nos sentimentos e valores individuais e coletivos não mais pode passar despercebida quando tentamos "geografizar" aquilo que vemos.

Quando no início de nossas observações entramos em contato com aqueles ambientes, logo percebemos que os diferentes "climas" daqueles lugares tão distintos não poderiam ser produzidos apenas por lógicas funcionais e mercadológicas de acesso ao solo urbano. As "histórias e as geografias" de cada habitante do lugar estavam impressas naquela paisagem, dando vida e identidade àqueles espaços. Dessa forma, nosso trabalho buscou resgatar essas "histórias e geografias", procurando efetuar uma breve análise acerca das determinações espaciais que causaram.

2. Impressões visuais...

Este trabalho nasceu de uma inquietação pessoal. Foi construído com base em algumas observações surgidas ao conhecermos pessoas, mas também a paisagem, de Colônia Vitória. Esta, das cinco colônias construídas pelos suábios, no âmbito da colonização em Entre Rios, é a mais importante do lugar e que detém as funções administrativas de todas as colônias formadoras do Distrito de Entre Rios.

As idéias aqui expostas são resultado de diversos trabalhos de campo realizados na Colônia Vitória durante os dois anos que integramos o Grupo PET de Geografia da UNICENTRO, que resultaram também em nosso trabalho de conclusão de curso, no ano de 2003.

É na Colônia Vitória que se encontram a sede da Cooperativa Agrária (a receptora e distribuidora da produção de grãos das propriedades suábias) e os complexos industriais implantados por ela. Por essa razão, tornou-se viável a fixação residencial, naquele local, de pessoas que não faziam parte do grupo original "re-colonizador". Os "brasileiros", como são chamados os não-alemães, se instalaram com a finalidade de prestar serviços aos moradores alemães (domésticos, de carpintaria, jardineiros e outros), como também para a Cooperativa Agrária, iniciando-se a partir daí um, no mínimo interessante, processo de relacionamento cultural e social que, de modo sucinto, trataremos a seguir.

O primeiro elemento que nos chamou a atenção naquele lugar foi a diferença paisagística entre as duas áreas componentes da Colônia Vitória. Na área onde residem os descendentes de alemães estão distribuídos os principais equipamentos urbanos e de infraestrutura da Colônia, como hospital, bancos, supermercados, sub-prefeitura, escola, creche e o centro cultural, ambientes freqüentados principalmente por descendentes suábios. A outra área, hoje habitada pelos descendentes de luso-brasileiros, possui estrutura física bastante diferenciada do restante da Colônia, ou seja, naquele local estão ausentes os elementos expostos acima. A "Vila dos Brasileiros" é uma área, portanto, com diversas precariedades.

A "Vila dos Alemães" (como é conhecida a área de ocupação suábia) possui um padrão estético tipicamente alemão, com casas e jardins que em muito lembram a terra natal de seus habitantes. Aliás, o costume de manter os jardins sempre bem cuidados, como afirma o Sr. Anton Lemler¹², é uma característica da cultura suábia.

Através das entrevistas que efetuamos com moradores suábios e "brasileiros", pudemos constatar algo que muito nos chamou a atenção. Durante os 30 primeiros anos de colonização, parece ter ocorrido uma forte resistência, por parte da Cooperativa Agrária, entidade suábia que gere a implantação de loteamentos no local, em permitir que pessoas de origem luso-brasileira tivessem acesso aos lotes urbanos. Isso ficou evidente quando constatamos que o primeiro loteamento "brasileiro" implantado pela Cooperativa Agrária, na Colônia Vitória, só foi construído em 1985 e há mais de 3 Km do núcleo central do povoado. Este loteamento recebeu o sugestivo apelido de "Vila do Mato", por se situar nas bordas de uma área de floresta nativa da região, como nos contou Johann Stocker¹³.

A resistência pôde ser sentida, também, quando resgatamos os acontecimentos históricos que culminaram com a instalação, em terrenos particulares, de diversos loteamentos nas adjacências da área residencial alemã. No início da década de 1980, quando as colheitas não respondiam às expectativas de produção, Wendelin Werner e Anton Lemler, dois integrantes do grupo suábio original, optaram em lotear seus terrenos, já que eram limítrofes ao quadro urbano original de Colônia Vitória, levantando, assim, recursos que possibilitariam a quitação de suas dívidas.

Esse ato foi considerado pelos dirigentes da cooperativa, na época, como uma afronta às suas recomendações e preocupações. Os referidos donos dos loteamentos sofreram represálias e perseguições, sendo até expulsos do quadro de associados da cooperativa. Acreditamos ser de difícil entendimento as razões que levaram os dirigentes da Cooperativa Agrária a tomar tais atitudes. Talvez o desejo de manter a paisagem dentro dos padrões tipicamente suábios,

¹² Entrevista concedida em agosto de 2003.

¹³ Encarregado do setor de habitação e urbanismo da cooperativa (entrevista concedida em agosto de 2003).

ou até mesmo de conservar o grupo coeso culturalmente, possam ser explicações coerentes.

Atualmente esse tipo de "sentimento" parece não mais vigorar. Por maiores que sejam as diferenças entre os grupos culturais que residem em Colônia Vitória, não se pode verificar a existência de hostilidades quanto ao fato de se ter uma vizinhança de origem diferente da sua própria. Entretanto, vale frisar, é praticamente impossível transpor a avenida que limita as duas áreas e não perceber que estamos saindo de "uma colônia" e adentrando em outra.

Dessa forma, podemos perceber que os elementos que produzem os espaços extrapolam as dimensões sócio-econômicas do cotidiano. Questões como identidade, territorialidade e cultura emergiram entre o emaranhado de percepções e especulações. É sobre elas que gostaríamos de falar a partir de agora.

3. Das identidades aos territórios

Os grupos culturais mencionados possuem histórias de vida diferentes, pois passaram por experiências bastante distintas antes de ali se fixarem, o que permitiu a cada um deles a apropriação e a construção diferenciada de seus espaços de vivência.

Neste momento torna-se interessante ressaltar que, além de "desigualdades", falamos aqui de "diferenças". Quando falamos em "desigual", segundo Haesbaert (1997), estamos nos referindo a um "paradigma contábil", admitindo elementos relacionados às esferas quantitativas de análise. Quando assim procedemos, corremos o risco de criar hierarquias. Como estamos falando de lugares, também podemos cair na armadilha de hierarquizá-los. Logicamente que se pode, de certa forma, realizar esse tipo de leitura, já que o visível é, quase todo, passível de se quantificar. Os equipamentos, a densidade de "fluxos objetos", as pessoas e suas rendas são clássicos exemplos disso. Mas o objetivo, aqui, não se resume a isso.

Ainda segundo Haesbaert (1997), o "diferente" incorpora outros elementos. Pode-se dizer que sua abordagem, com relação ao "desigual", é paradoxal. Ele se utiliza de referenciais qualitativos, relacionados a alteridade. Ao invés de nos fazermos juizes da

realidade, dogmaticamente afirmando que algo é melhor ou maior, é preciso, então, que compreendamos a diferença, e principalmente a aceitemos. Esse é um ponto central do exercício da tolerância, que deve ser utilizado como arma contra o preconceito e a discriminação.

Nesta última parte de trabalho, nosso objetivo primordial será "geografizar" parte do mundo subjetivo da Colônia Vitória. A problemática abordada a seguir deve ser encarada como produto de uma primeira e preliminar reflexão, que para se tornar efetivamente válida e rica em significados, será aprofundada em futuros trabalhos.

3.1. As identidades de grupo

Para compreendermos a existência de espaços tão homogêneos internamente, mas ao mesmo tempo tão diferentes entre si, como é o caso da Colônia Vitória, torna-se necessário abordarmos alguns pontos que contribuem para a formação das identidades. Tornamos a ressaltar que os padrões identitários e culturais de um grupo, por vezes se anastomosam, sendo que, comumente, podem ser entendidos como sinônimos, por mais que o primeiro tenha um caráter mais específico e pontual, podendo até mesmo ser fragmento de um padrão cultural mais generalizante.

Segundo Claval (1999, p.88-89), a natureza das identidades é definida pela maneira pela qual cada um recebe uma bagagem de conhecimentos, atitudes e/ou valores. O indivíduo "enriquece-a com a sua experiência, e a interioriza tentando assegurar sua coerência". Continua o autor afirmando que a identidade é o que permite "aos indivíduos manifestar o que são". Esse aspecto, ainda segundo Claval, é determinante na manutenção das características de um grupo, assim como na própria conservação de sua existência. Um grupo ou um povo "diz" o que efetivamente é através de suas vestimentas, de sua língua, de sua culinária, de seu hábitat, de sua religião, de seu comportamento, de suas instituições, dentre outros elementos que desempenham também esse papel.

Em Colônia Vitória podemos perceber muito claramente esses aspectos. Existe uma nítida tendência, principalmente por parte dos suábios, em cultivar certos elementos de sua cultura, para

manterem vivas suas identidades. Um desses elementos é a língua alemã, que é ensinada para os pequenos desde os primeiros anos de alfabetização, em casa e também na escola. Sempre que têm oportunidade, conversam em alemão, como que vivessem aqui “momentos de Alemanha”, reafirmando e lembrando para si mesmos e para os outros, sua origem.

Outro exemplo, mas que não ocorre de forma deliberada e planejada, é o que ocorre com os luso-brasileiros. O hábito, de pela manhã, ou mesmo ao entardecer, de constituir a “roda de chimarrão” é também um ato que vem contribuir para a preservação das origens e manutenção da identidade cultural derivadas do tropeirismo de origem gaúcha. (MARCONDES, 1998)

Como afirma Ciampa (*apud* Sawaia, 1995, p. 21), identificar-se “é ser o que se está sendo numa sucessão temporal”. Isso significa que as identidades não são estanques ou imutáveis, elas variam de acordo com o tempo e os respectivos contatos que são efetuados pelos membros do grupo nesse caminhar. No que se refere aos grupos que residem na Colônia Vitória, podemos dizer que vários dos elementos que compõem suas identidades já se encontram amalgamados entre si. Isso é produto da convivência inevitável com o “outro”, que ao mesmo tempo em que suscita manifestações de resistência, faz com que se aumente o arsenal de práticas e caracteres de seus padrões identitários. Uma identidade está em permanente construção.

Haesbaert (1999) entende que as identidades se constituem e se tornam fortes em função da necessidade da busca de reconhecimento. “Toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações positivas e negativas”. (HAESBAERT, 1999, p. 175) Isso significa que o reconhecimento como ser social, dotado de significado e importância, só tem sentido se for feito pelo outro. Daí a idéia de alteridade, da necessidade de nos sentirmos únicos perante os outros para que possamos não passar despercebidos.

Talvez para alguns essas discussões não compunham um arsenal geográfico de análise. Entretanto, quando nos lançamos à tentativa de entender como essas identidades mobilizam os indivíduos

(tanto do grupo quanto das pessoas fora dele) é que compreendemos o que de Geografia tem nisso tudo. “A identidade social, desse modo, é mobilizada e mobiliza um poder simbólico”. (HAESBAERT, 1999, p.177)

Dessa maneira, as identidades, para se manterem e para se perpetuarem, devem utilizar-se de símbolos, que as identifiquem perante seus pares ou até mesmo os outros. Quando esse símbolo tem nos elementos do espaço seu referente central, as identidades sociais passam a ser chamadas de identidades sócio-territoriais. (HAESBAERT, 1999) Daí a relação íntima com a Geografia que o estudo das identidades possuem. Ao mesmo tempo em que o espaço é marcado, deixa marcas nas identidades que dele se apropriam.

Através das observações que fizemos durante as visitas à Colônia Vitória, pudemos constatar que o padrão identitário dos indivíduos que lá residem está em íntima interdependência com a porção do espaço que por eles foi construído e apropriado. O brasileiro é assim identificado, por conta não só de sua descendência, que é definida pelo local de origem, mas também pela relação que estabelece com o lugar atual de sua residência, que é a “Vila dos Brasileiros”. Da mesma forma que a identidade alemã contribuiu para a produção do espaço onde hoje estes suábios residem, esse espaço que é imagem e semelhança de sua cultura, também contribui para a manutenção e perpetuação de sua própria identidade. Aliás, como afirma Haesbaert (1999), toda essa subjetividade necessita de algo concreto-material para formar-se e reproduzir-se.

Claval (1999) salienta a importância da transmissão dos valores e dos componentes culturais como elemento essencial à manutenção das identidades. A comunicação oral e gestual, a escrita, as artes, as mídias e a própria convivência, são exemplos de canais de transmissão desses caracteres.

Mas o que é transmitido? Segundo Claval (1999), todas as esferas do cotidiano são suscetíveis de serem transmitidas e comunicadas ao descendente, tudo isso com o objetivo de preservar e reproduzir a cultura e a identidade do grupo. Boas maneiras, cuidados com o corpo, o conjunto de procedimentos e conhecimentos que

compõe o “*know-how*” do grupo, são alguns desses possíveis elementos que, de alguma forma, são repassados.

Ainda segundo Claval (1999), boa parte do aparato subjetivo do indivíduo é transmitido pela forma como percebemos ou deixamos de perceber o mundo, nossas convicções religiosas, ideológicas, além de “um sistema hierarquizado de preferências e valores”, são elementos que “recebemos de nosso entorno”. (CLAVAL, 1999, p.81-82)

A idéia de espaço aí aparece sob a denominação de entorno. Esse “entorno” parece ter uma acepção um pouco mais ampla. Considera-se, além do que envolve e embasa fisicamente o grupo, uma idéia de relações sociais, uma atmosfera de fluxos que, de alguma forma, acaba por envolver e determinar a maneira pela qual as informações são transmitidas e também como elas reproduzem as identidades.

Resta-nos, então, localizar espacialmente essas identidades, entender de que forma elas produzem espécies singulares de lugar. Não podemos desconsiderar o fato de existir uma relação dialética entre ambos, sendo que sempre se interdeterminarão. Para isso, discutiremos um dos produtos das identidades: o território.

3.2. Os territórios

Como vimos, as identidades sociais, produzidas através do tempo, acabam por situar-se espacialmente. Nesse processo, pelo fato de se estabelecerem entre os indivíduos que a partilham, relações de convivência e de dependência, ocorre um outro, decorrente (e que decorre) da formação identitária: a territorialização.

Antes dela, algumas acepções de território são consideradas relevantes para a caracterização de nosso tema de estudos. Uma delas é a trazida por Raffestin. Ele afirma que a territorialidade humana

pode ser definida como ‘o conjunto de relações que desenvolve uma coletividade – e, portanto, um indivíduo que a ela pertence – com a exterioridade e/ou a alteridade por meio de mediadores ou instrumentos. (Raffestin apud HAESBAERT, 1997, p. 32)

Diferenciando território de espaço, nos diz o autor que o espaço é anterior ao território. Sendo assim “ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço”. (RAFFESTIN, 2000, p. 88) Dessa forma, o território deve ser compreendido como um “espaço apropriado”, sempre em função de um domínio ou de relações de poder, sendo que as identidades podem ser expressões de um grupo que cria mecanismos para realizar esse processo através de um poder simbólico.

Podemos destacar, também, as postulações de Claval (1999). Ele afirma que existe uma íntima relação de dependência entre a produção de territórios e as identidades de grupo. Nos lembra que é variável a maneira como as identidades os produzem, devido às diferentes técnicas de “*know-how*” e padrões de subjetividade, e também da construção histórica que esses grupos e suas respectivas identidades têm.

Barcellos (*apud* Turra Neto, 2000), também atribui especial atenção à dimensão cultural no estabelecimento do território. Relaciona o cotidiano dos indivíduos com a formação deles. Admitindo que os fatos efêmeros do cotidiano, como as paixões, a afetividade e as ambições, por exemplo, acabam por “marcar” os espaços, dando-lhes características próprias.

Isso também pode ser sentido em Colônia Vitória. As diferenças culturais-identitárias entre as pessoas que lá residem acabam por, informalmente, delimitar territórios de diversas formas, em destaque pelas marcas “impressas” no espaço por meio de seus valores e formas de conduzir a vida. Quando se percorre o local e se observa seus diferentes “lugares”, isso pode ser sentido. A “*arruaça*” das crianças “brasileiras” nas ruas e o silêncio e calma das pessoas que vivem na área habitada pelos alemães nos indicam isso, nos mostram em qual território estamos. Da mesma forma, os jardins e caprichos suábios, em contraponto com a relativa despreocupação com tais aspectos pelos descendentes de “luso-brasileiro”, também nos indicam algo. Esses elementos dão aos seus respectivos territórios um clima próprio, que dificilmente será sentido fora dele. Sawaia (1995) fala em

“calor do lugar”. A paisagem, o barulho, o cheiro e as pessoas “identificam-se” e nos mostram onde estamos.

As identidades, ao representar-se a si e aos outros, no/pelo ambiente em que se apropriam, combinam elementos de sua subjetividade e de sua materialidade. Essa combinação entre “a racionalidade geométrica e o emaranhado de existência humana” (SAWAIA, 1995, p. 21) é que impregna de história e significados os lugares, dando a eles “climas” específicos.

Neste sentido, o território é entendido como um lugar. Tuan (1980) traz um conceito de lugar que se confunde com o de território, de acordo com a forma que o trata. O homem atribui qualidades e sentimentos aos espaços. Sendo assim, da mesma forma que Raffestin, para Tuan (1980) o espaço, enquanto categoria elementar, antecede o lugar.

Tuan (1983) faz ainda uma comparação entre “espaço e lugar”. Ele afirma que se espaço é movimento, lugar é pausa; se espaço é liberdade e ameaça, lugar é segurança. Com isso, podemos concluir que o lugar traz um sentimento de identificação, ou seja, os indivíduos – e por que não, as identidades engendradas por eles – se sentem seguros no lugar que apropriaram e vivem, dando a este um caráter de posse, domínio ou apropriação. Dessa forma, cria-se um vínculo muito estreito entre o conceito de lugar de Tuan e o de território dos autores que se utilizam da abordagem culturalista para o estudo desta categoria de análise.

4. Considerações finais

Compreender os meandros da subjetividade humana não nos parece uma atividade simples de ser realizada. A Geografia, ao se apropriar dessa temática, depara-se com um universo infinito de elementos que engendram motivações para muitas pesquisas.

A análise realizada em Colônia Vitória, por mais preliminar que tenha sido, contribui para nossa caminhada acadêmica, visto que nos fez perceber o quanto imbricado e fascinante é o processo de produção e de apropriação dos lugares. Admitir o imprevisível, enxergar o invisível e questionar o que é universalmente aceito, são

exercícios que, entendemos, em muito ajudarão o geógrafo a atacar de forma mais incisiva os verdadeiros problemas que afligem o mundo do qual compartilhamos. O exemplo aqui foi a abordagem da identidade e do território singularizados em Colônia Vitória.

5. Referências bibliográficas

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: O Estado da Arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

ELFES, A. **Suábios no Paraná**. Curitiba: 1971.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

MARCONDES, G. G. **Guarapuava: História de luta e trabalho**. Guarapuava: Unicentro, 1998.

SAWAIA, B. B. O Calor do Lugar: segregação e identidade. **São Paulo em Perspectiva**, vol. 9, n. 2. São Paulo: SEADE, abril/junho 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TURRA NETO, N. Do Território aos Territórios. In: SOUZA, A. J. de; SOUZA, E. B. C. de; MAGNONI JÚNIOR, L. (orgs.). **Paisagem, Território e Região: Em busca da identidade**. Cascavel: Edunioeste, 2000.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2.005.

Aceito para publicação em 10 de março de 2.006.